

Construindo a memória do Rio Grande

Sindaf promove ciclo de palestras sobre a crise das finanças estaduais e as alternativas de desenvolvimento para o Estado.



Nos EUA, há décadas existe o Conselho dos Líderes Democratas, formado por ex-governadores, ex-senadores, ex-presidentes e por todos aqueles que se dedicaram às atividades dos Poderes Executivo e Legislativo. O Conselho objetiva construir uma memória política, histórica e administrativa do país e manter em caráter permanente a troca de experiências entre ex-governantes e aqueles que hoje estão no poder.

Foi baseado nos mesmos princípios do Conselho de Líderes que o Sindaf lançou, no dia 29 de outubro, o Projeto Repensando o RS, que consiste na realização de um ciclo de palestras com ex-governadores numa primeira fase e, a partir de maio de 2002, com os candidatos ao Governo do Estado. O tema das palestras é "A crise nas finanças estaduais e alternativas de desenvolvimento para o RS".

O contexto e a crise

A relação entre Estado e desenvolvimento tem sido um assunto recorrente desde os anos 30, a partir da contribuição teórica de John Keynes, que defendeu firmemente o seu papel anticíclico. Desde então, legitimou-se teoricamente a participação do Estado tanto na geração de infraestrutura necessária para o desenvolvimento quanto na sustentação do nível global de empregos na economia.

Entretanto não deixaram de haver interpretações equivocadas sobre o pensamento do Economista. Inúmeras experiências demonstraram que tanto o estadismo quanto o liberalismo radicais só trouxeram prejuízos e atraso aos sistemas econômicos dos países.

As alternativas

"Nós estamos diante de um mundo em acelerada e constante transformação, onde não cabem modelos teóricos inertes e, muito menos, verdades absolutas", salientou a Presidente do Sindaf, Janice Machado, durante o lançamento do projeto. "É por isso que precisamos, com urgência, de outras formas de pensar, de novos paradigmas, e, sobretudo de projetos inovadores", enfatizou.

O Repensando o RS tem a pretensão, portanto, de contribuir para o debate sobre essas questões decisivas e estratégicas para o Rio Grande, no que tange ao equilíbrio das finanças estaduais e a novos projetos de desenvolvimento.

Com a palavra, os ex-governadores.

Antonio Britto: sensibilidade social e seriedade

Para o ex-Governador Antonio Britto, **“...o modelo de funcionamento da economia do RS e do atual governo é um modelo falido, esgotado, carente de milagres”**.

É a partir dessa premissa, segundo ele, que devemos começar a pensar e a discutir as alternativas de desenvolvimento para o Estado.

Mesmo não falando em números, Britto fez comparações e analisou a conjuntura política-econômica do Estado nos últimos 30 anos. E concluiu: “Estamos fazendo um exercício em círculo. Desde a década de 70, não houve, salvo conjunturas excepcionais, movimentos que pudessem gerar uma mudança estrutural na economia, que aumentassem a capacidade do Estado em fomentar o desenvolvimento. Também não houve investimentos para abastecer, com mais generosidade, os serviços de saúde, educação e segurança”.

Na visão do ex-Governador, a saída adotada pelo governo atual de não investir é falsa e injusta socialmente.

“Foi tomada a decisão de não investir, de não buscar uma solução criativa”, completa. Atribui ao conservadorismo econômico do atual governo, aliado a um oposicionismo político, o desastre da administração atual. “A terapia demagógica e convencional tem 0% de chance de dar certo. A pergunta é: como garantir o futuro a partir do passado?”.

A diferenciação entre o que é assunto de governo e o que é assunto de Estado é fundamental para a proposta de novos projetos de desenvolvimento, na opinião do palestrante. “Assunto de Estado é aquele que está acima dos governos e das circunstâncias, interessa a todos. Questão de governo é aumento de salários, por exemplo”, enfatizou.

Mesmo preocupado e profundamente triste com o rumo do País,



Antonio Britto: “Falta sensibilidade”

conforme sua própria definição, Britto finalizou a palestra dizendo que o Brasil está a espera do casamento entre sensibilidade social e seriedade. “Isso produzirá o presidente do século ou a política do século”.

Alceu Collares recorda bons momentos da economia

A ironia deu o tom da palestra do ex-Governador e Deputado federal Alceu Collares, no dia 12 de novembro, com a segunda edição do



Alceu Collares analisou atual gestão

Repensando o RS. Sem poupar críticas à atual administração do Estado, Collares lembrou as obras de seu governo, ressaltando os resultados positivos da política fiscal. Também salientou as ações adotadas para o equilíbrio das finanças estaduais e os programas de desenvolvimentos implementados.

Para o ex-Governador, a alternativa de desenvolvimento para o Estado é o neotrabalhismo, que não nega o mercado, mas é uma economia social de mercado. Quanto à atual administração, Collares diz que o Governo Olívio é “despreparado para a função” e vem calcando sua administração em cima do arrocho

salarial e do sucateamento o patrimônio público. Como exemplo da carência de programas de efetivos de desenvolvimento, citou a saída da Ford do Estado: “Colocaram o Zeca (Moraes) que estava acostumado a negociar com camelôs para negociar com a Ford. Resultado: mandaram a Ford embora”.

O segundo palestrante enfatizou as denúncias da CPI da Segurança Pública, e acredita que o governo atual recebeu dinheiro do jogo do bixo. **“Essas pessoas não estão preparadas para respeitar a coisa pública, para dignificar a função pública”**.

Equilíbrio das finanças públicas

Collares também criticou a proposta de mudança de matriz tributária do atual governo, dizendo que “isso demonstra que eles não entendem nada de tributos”. Salientou que, nos quatro anos de seu governo, houve uma busca incessante do equilíbrio das finanças públicas estaduais, marcada por um forte combate à sonegação, e que isso fez com que o Estado atingisse o maior índice de produtividade fiscal da história, inclusive com prisão de sonegadores.

Segundo dados apresentados, esse combate, aliado ao efetivo controle do gasto público, proporcionou um superávit operacional nos quatro anos de gestão: 3,2% da Receita Corrente Líquida (RCL) em 1991; 3,2% em 1992; 12,3% em 1993 e 3,0% em 1994. A média foi 5,4% da RCL. “O último ano do Simon/Guazelli foi negativo 20,8%, e o primeiro ano do governo de Antônio Britto foi negativo 5,4%”, contabilizou.

Quanto ao rombo no Caixa Único, Collares afirmou que os saques que vêm sendo feitos são

exemplos de corrupção. “Não é possível que um instrumento como nós criamos em 1991, que tem a finalidade de reduzir custos financeiros, esteja sendo usado desta maneira, sem cumprir leis”, denunciou.

Collares finalizou sua palestra declamando o poema “A Força do Pensamento”, que resume sua participação no Repensando o RS:

“(…) pense grande e os teus feitos crescerão, pense pequeno e irás depressa ao chão (...)”

Amaral de Souza critica política fiscalista



Amaral de Souza foi o terceiro palestrante

O ex-Governador Amaral de Souza foi o terceiro convidado do Repensando o RS, que aconteceu no dia 26 de novembro, na Sede da Amrigrs. Sua palestra teve como foco o programa econômico do atual governo, que, segundo ele, está promovendo uma política fiscal dissociada do desenvolvimento.

“Eu acredito muito mais numa política de desenvolvimento. Não apenas numa política fiscalista, que não leva a nada”.

Comunicativo e bem humorado, Amaral de Souza – que ocupou o cargo no período de 1979 a 1983 – transmitiu com clareza a sua trajetória

política e revelou algumas das suas principais convicções:

“Concordo plenamente com a idéia de

que discurso político sem articulação técnica é discurso vazio. Esse foi o grande crime dos discursos populistas, que não tinham consistência. E o discurso ideológico também é muito perigoso, pois o preconceito prejudica a articulação”.

O ex-Governador confessou ter ficado surpreso ao examinar com mais profundidade a situação do Tesouro estadual. “É pior que eu pensava. Estamos no mesmo caminho da Argentina, que aperta o cerco à sonegação e aumenta impostos, mas não consegue se equilibrar”. Para ele, a crise das finanças tem sua origem na falta de planejamento e no favorecimento de militantes partidários nos cargos técnicos em detrimento dos funcionários preparados. “É preciso repensar esse Estado, que tem tudo para se desenvolver e dar certo. Mas é preciso evitar o radicalismo, a ideologização.”

Amaral salientou que o aumento da arrecadação de ICMS divulgado pelo governador Olívio Dutra se deve às privatizações realizadas durante a administração anterior e pela política cambial adotada por Fernando Henrique Cardoso. “Caso seguissemos as teses defendidas por este governo, de privilegiar sistemas locais de produção, estaríamos até hoje produzindo charque”, ironizou, acrescentando que “não podemos medievalizar a economia do Estado. Falar nos sistemas locais de produção não basta. Temos que crescer outras empresas, trazer renda, empregos”.

A saída da Ford, na opinião dele “irreparável para o Estado”, e a situação do Instituto de Previdência do Estado, que se resolveria criando um “fundo para o pagamento de pensionistas e inativos”, foram outros assuntos polêmicos abordados na palestra, que Amaral de Souza encerrou sob um forte sentimento de orgulho: “eu fui feliz porque encontrei excelentes colaboradores. E o mais importante: preservei meus amigos e preservei minha família, algo que muitos políticos deixam de lado”.